

ESTUDO DA REALIDADE E LIVRO DIDÁTICO PARTICIPATIVO: NOSSA EXPERIÊNCIA EM SEROPÉDICA (2006-2007)

Marília Campos ¹ e Júlio Henrique da S.Pereira ²

UFRRJ

marilia.campos@yahoo.com.br

julio_ique@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO:

Sabemos que, a partir das indicações da LDB 9394/96, as Unidades Escolares passaram a ter um amplo incentivo para gozar de autonomia nas dimensões administrativa, financeira e político-pedagógica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais voltadas para todos os níveis e modalidades da Educação Básica, elaborados a partir do movimento desencadeado pela LDB, colocaram o coletivo-escola de cada Unidade mediante o desafio de reinventarem seu currículo, incluindo a necessidade de montagem de um Projeto político-pedagógico que pudesse contribuir para novas relações de significação das atividades educativas da escola para a vida cotidiana real das comunidades. Essas metas colocaram, para as Unidades Escolares, a necessidade de reverem seu modo de realizar seu planejamento, seus encontros coletivos, seu movimento curricular bem como a avaliação de seu processo pedagógico, demandando também um movimento de ampliar a capacidade de diagnosticar a realidade local.

Desde 2000, quando iniciei minha caminhada como docente no Ensino Superior, tenho experimentado, nas disciplinas relacionadas à formação de professores em diferentes cursos de graduação, momentos e processos de criação de metodologias que possam ajudar os docentes do Ensino Fundamental

¹Prof. Adjunto I de Didática e Prática de Ensino de História e História da Educação – Depto de Teoria e Planejamento de Ensino – Instituto de Educação – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

² Graduado em História -UFRRJ; bolsista de Iniciação Científica – PROIC – UFRRJ, sob orientação da Prof. Dr. Marília Campos.

a criarem ações capazes de ressignificar o currículo real³.3 Principalmente os anos vividos em Angra dos Reis me mostraram que era possível trabalhar num processo de construção coletiva, participativa, levando as escolas públicas a aprofundar seu diálogo com as comunidades do entorno, contribuindo para uma importante revalorização dos conhecimentos sociais, em especial os populares, face aos conhecimentos escolares e acadêmicos. Essa metodologia pressupõe também a compreensão da formação continuada do professor-pesquisador (ANDRÉ, 2001), capaz de lançar mão de ferramentas investigativas na construção de novos caminhos para o ensino.

A educação – tanto no campo da Pedagogia quanto no campo das Licenciaturas – vem passando por transformações significativas desde a década de 80. Estas mudanças foram potencializadas em diversos municípios que, experimentando processos de gestão democrática na educação, desencadearam movimentos experimentais de reorientação curricular que se desenvolveram a partir da filosofia de Paulo Freire – como os que ocorreram, por exemplo, em São Paulo e em Porto Alegre⁴. Como já apontamos, a possibilidade dessas experiências vem se dando a partir do processo de descentralização curricular e estímulo à autonomia político-pedagógica das Unidades Escolares inaugurados pela atual LDB 9394/96. No entanto, essas experiências são ainda muito pouco conhecidas pelo professorado e pela parcela da comunidade acadêmica responsável pela formação de professores. As escolas, em sua maioria, continuam perdidas, reproduzindo currículos e programas tradicionais, apoiando-se em livros didáticos e outros recursos inadequados às realidades culturais das localidades onde as escolas se encontram. Há necessidade de se realizar um grande investimento na formação inicial e continuada do magistério para que este

³Refiro-me à minha experiência como professora-substituta de Didática e Prática de Ensino para História e Ciências

Sociais na Faculdade de Educação na Universidade Federal Fluminense; à minha passagem como professora-substituta no curso de Formação de Professores na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Campus São Gonçalo e à minha experiência como professora no curso de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá – Campi de Petrópolis, Campo Grande, Nova Iguaçu e Cabo Frio. Atuamos também em cursos de formação continuada, através do Laboratório de Políticas Públicas – UERJ, junto aos docentes do Ensino Fundamental em municípios diversos.

⁴Estas experiências encontram-se sistematizadas pela proposta da Escola Cidadã – prof. Moacir Gadotti e Instituto Paulo Freire.

possa se tornar mais criativo, pesquisador, participativo e autor de seus próprios meios na construção de projetos político-pedagógicos próprios e currículos de autoria, capazes de dialogar com as culturas locais e as identidades múltiplas características do mundo globalizado. O processo democrático em curso no país - que levou a um processo de descentralização e municipalização da educação, apoiado na gestão democrática e participativa solicita uma revisão e uma reestruturação dos procedimentos e experiências oferecidas na formação de professores, buscando profissionais investigadores de suas próprias práticas, engajados nos desafios colocados pela realidade sócio-histórica. Neste sentido, interessa-nos aqui os repertórios advindos da filosofia e da práxis freiriana.

A metodologia presente no trabalho que desenvolvemos em Seropédica a partir das atividades da disciplina da Prática de Ensino de História (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro) é herdeira, portanto, das experiências que havíamos vivenciado ainda como professora de história no 2º segmento do Ensino Fundamental na rede municipal de educação de Angra dos Reis nos anos 90, referenciadas em **Paulo Freire**⁵.

A referida metodologia desenvolve-se a partir dos seguintes momentos/movimentos. Em primeiro lugar, o coletivo-escola -direção, professores, alunos, profissionais de orientação educacional, moradores da comunidade local - empenha-se por iniciar um estudo da realidade. Trata-se de um processo de pesquisa participante (BRANDÃO, 1999), através do qual – utilizando-se entrevistas, depoimentos, filmagens, fotografias – se realiza um diagnóstico da realidade localmente vivida a partir dos múltiplos olhares daqueles que lá estão. Com isso, os saberes escolares enriquecem-se com os saberes extra-escolares, conforme indicação da LDB (título II, artigo 3º), ganhando uma nova dinâmica, sendo ressignificados pela busca de uma leitura crítica e reflexiva dos problemas

⁵ Estivemos na rede municipal de educação de Angra dos Reis durante as três gestões sucessivas do Partido dos Trabalhadores (1988-2000). Como professora concursada, atuamos em sala de aula como professora de história (5ª à 8ª série), coordenadora de projeto político-pedagógico, auxiliar de direção, diretora do Departamento de Projetos e Assuntos Comunitários (incluindo a coordenação do MOVA – Alfabetização de Jovens e Adultos) e gerente da Divisão de Educação (responsável por diversos departamentos e pelas 54 unidades escolares da rede).

vividos. É possível, dessa forma, dar novos sentidos aos assuntos e às atividades pedagógicas trabalhados pelas Unidades Escolares. Essa ação visa um processo de ensino-aprendizagem significativo para os atores nele envolvidos, voltado para a compreensão e intervenção na realidade sócio-histórica.

Desse estudo da realidade inicial, passa-se à construção do tema gerador e de uma rede temática que possibilite o diálogo entre as diversas visões – educadores, educandos, comunidade, constituindo-se uma **problematização**. O passo seguinte trata da seleção e da organização dos conteúdos, das atividades e dos procedimentos pedagógicos, construindo-se uma **programação**. Esta programação cria uma nova seleção e ordenação para os conteúdos e para as atividades tais como elas aparecem tradicionalmente nos programas, planejamentos e **livros didáticos**. Finalizamos o processo construindo um livro didático que é trabalhado nas aulas e também devolvido aos moradores da comunidade. Trata-se de um material altamente identitário, composto por atividades reflexivas e conteúdos que convidam os leitores -moradores, alunos e professores – a nele se (re)verem. Este aspecto do livro como **suporte para releitura dos atores sociais** membros da comunidade escolar podem ser bem expressos na seguinte passagem narrada por Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Esperança* (1999, p. 55-6):

Numa sala, participantes do grupo, negros e porto-riquenhos. A educadora faz repousar nos braços de uma cadeira a artística foto de uma rua, a mesma em que, dentro de uma de suas casas estávamos e em cuja esquina havia uma quase montanha de lixo.

-O que vemos nesta foto? – perguntou a educadora.

Houve um silêncio como sempre há, não importa onde e a quem fazemos

a pergunta. Depois, enfático, um deles disse com falsa segurança:

-Vemos aí uma rua da América Latina.

-Mas – disse a educadora – há anúncios em inglês...

Outro silêncio cortado por outra tentativa de ocultar a verdade que doía,

que feria, que magoava.

-Ou é uma rua da América Latina e nós fomos lá e ensinamos inglês ou

pode ser uma rua da África.

-Por que não de Nova York? – perguntou a educadora.

-Porque somos os Estados Unidos e não podemos ter isso aí. – e com o

dedo indicador apontava a foto.

Depois de um silêncio maior um outro falou e disse, com dificuldade e

dor, mas como se tirasse de si um grande peso:

-É preciso reconhecer que esta é a nossa rua. Moramos aqui.

Ao recordar agora aquela sessão, tão parecida com tantas outras de que

participei, ao relembrar como os educandos se defendiam na análise ou na

'leitura' da codificação (foto), procurando ocultar a verdade, reescuto o

que, meses antes, ouvira de Erich Fromm (...): 'Uma prática educativa

assim (...) é uma espécie de psicanálise histórico-sociocultural e política.'”

O PROCESSO

Dessa forma, nosso processo em Seropédica iniciou-se no início de 2006. Como professora nova na UFRRJ, logo procurei andar com alunos e moradores para conhecer um pouco a localidade, iniciando o “estudo da realidade”. Sem conhecermos ninguém, visitamos o CIEP 155 Romar Antero que fica bem no centro de Seropédica. Conhecemos a coordenadora pedagógica (profa Rosimar) e então iniciamos um conjunto de encontros e negociações para que pudessemos

dar início a algumas oficinas em turmas da escola com nossos licenciandos de História.

No ano de 2006, Seropédica estava construindo seu Plano Diretor Participativo. Fomos a algumas Audiências Públicas compreendendo que, nelas, além de tomarmos contacto com o debate político pelo qual a cidade passava, poderíamos também incorporar várias informações importantes para a **leitura da realidade**. Numa das audiências públicas, pudemos ler muitos textos coletivos que haviam sido produzidos por turmas das escolas públicas municipais, textos nos quais os educandos falavam sobre a realidade de seus bairros e da cidade. Eis um deles:

Nosso bairro: JARDIM MARACANÃ

Nosso bairro está completamente abandonado. Estamos precisando de um posto de saúde com atendimento 24 horas, médicos e enfermeiros

qualificados. Também precisamos de um posto policial já que, quando acontece alguma coisa, a polícia demora a chegar, tarda e não adianta mais. A falta de ônibus é horrível por motivo que leva o cidadão a chegar tarde no seu trabalho, os alunos a chegarem tarde no colégio, enfim, tudo por conta de um único ônibus.

É preciso ter uma creche com maior atendimento e uma determinada idade que não seja só até 4 anos. Isso acarreta a possibilidade das mães trabalharem. A iluminação é precária, ruas esburacadas, saneamento não existe. Não temos uma área de lazer, a praça está com brinquedos caindo aos pedaços.

O Jardim Maracanã só é nome, porque o Jardim mesmo não existe e nem mesmo existiu!

Este texto trazia uma imagem bastante negativa dos alunos em relação àquele bairro de Seropédica. Como o 3º município de maior miserabilidade da Baixada, logo atestamos a dívida social e o atraso do Poder Público no sentido de prover as comunidades locais com equipamentos e serviços públicos essenciais. Através dos debates promovidos por ocasião do Plano Diretor – que promoveu

reuniões regionalizadas com os moradores, registrando suas visões – tornou-se possível ver que, dentre os serviços públicos, a educação era apontada como aquele que melhor funcionava dentro de um contexto marcado por grande precariedade.

No CIEP 155, os licenciandos de história promoveram uma série de oficinas, provocando os alunos da Educação Básica a registrar suas leituras de mundo. Os aspectos negativos da infraestrutura precária também apareceram nestas produções textuais, acompanhadas de uma grande frustração – principalmente por parte dos jovens – quanto à inexistência de equipamentos culturais e de lazer, conforme podemos ver no texto da aluna Gleice (turma 1002 em 2006) que se segue:

Bom, Seropédica é uma cidade que não tem nada, nós não temos o que fazer. Os jovens estudam de segunda a sexta, os pais trabalham e quando chega o final de semana, a única diversão dos pais ou é beber ou ir para a praça central. Nós, moradores de Seropédica, precisamos de lazer melhor. Nós precisamos de um clube para nos divertirmos. Que fique aberto de domingo a domingo, com isso o município vai começar a gerar empregos.

No entanto, estes registros também vinham acompanhados de um elogio ao companheirismo, ao acolhimento e às amizades que marcam as relações entre os moradores, como se pode ver na produção textual de Clarice Timoteo que se segue:

Minha vida toda se resume em Seropédica.

Todos os dias acordo para mais um dia numa cidade que não tem nada. Lá uma vez ou outra, há algumas festas mas, no geral, Seropédica é um lugar vazio, quase sem vida.

Mas a única coisa que eu vejo de bom em Seropédica são as amizades que eu faço e a Universidade que é onde conseguimos saber mais das coisas.

Como vemos, a UFRRJ é citada neste relato e a relação dos alunos do CIEP e dos

moradores de Seropédica também foi alvo de nossa pesquisa. As imagens a respeito da

Universidade Rural são bastante contraditórias: por um lado, muitos vêem que a Universidade traz um movimento (cultural e econômico) importante para a cidade; por outro, outros a identificam como uma instituição muito inacessível. Além disso, quando saímos do CIEP para ouvir os depoimentos dos moradores, encontramos diferenças que foram também alvo de nossas reflexões. Enquanto os moradores mais moços representam a Universidade Rural contextualizando-a num momento presente marcado pelo “progresso”, ao comparar com o passado os moradores mais antigos a representam num sentido inverso. Para estes últimos, a caminhada histórica para o presente foi marcada pela decadência, pela crescente improdutividade da Universidade e pelo seu crescente distanciamento face aos moradores locais. Esta questão se constituiu num dos temas geradores de nossa rede temática, marcando nossas discussões em sala. O trecho que se segue é representativo dessa questão que acabamos de apontar e foi incluído no livro didático como um resumo da entrevista realizada com sr. Francisco e dona Maria, migrantes, moradores de

Seropédica há mais de 50 anos:

Seu Francisco de 86 anos e Dona Maria de 81 anos formam um simpático casal de antigos moradores de Seropédica. Hoje, moram praticamente no centro da cidade; na antiga rua 10, atualmente denominada de Josino

Fernandes Nunes.

Com suas vidas ligadas à UFRRJ, tendo toda uma trajetória inicial de dificuldades, eles foram se firmando aqui, inicialmente junto as suas famílias e depois os dois unidos pelo destino.

Ao contar sobre a história deles, desde que chegaram a Seropédica, demonstram saudades desses tempos antigos, de muito trabalho na Rural, mas onde consideravam a instituição mais aberta a eles. “Era uma beleza, os alunos comandavam, hoje a burocracia atrapalha”. Diz seu Francisco.

Citam a época da fabricação de seda (no IZ); No qual a casa Rosada(antiga casa dos Reitores) era a referencia dos tempos “Áureos” da Rural.

Dizem, com orgulho, que a Rural foi a vida deles, onde tinham uma casa

com quintal grande. Já as mudanças arquitetônicas não agradaram muito

dona Maria. “Pra que mudar?” -pergunta ela.

Hoje o casal fala que não há mais tantas dificuldades. Seropédica já está um pouco mais estruturada e as famílias aqui permanecem no local no local, perpetuando a história.

Mas Dona Maria reconhece que no início eles foram felizes e que a saudade maior é das amizades desses tempos de dificuldades. Diz ainda que com Esperança e Sabedoria de quem viu a cidade crescer, que trabalhou muito para chegar onde está e que há muito da Rural à oferecer à Seropédica. “A Rural tem que se abrir de novo como uma flor -para todos sentiram o aroma antigo de antes”.

Este “saudosismo” marcado por valores paternalista – que remontam às relações patrono/clientes -com a Universidade Rural expressa o tipo de sociabilidade vigente num passado que nos remete aos anos 40, quando a UFRRJ ainda não era uma Universidade sob a responsabilidade do MEC, mas ainda pertencia ao Ministério da Agricultura com os cursos de: Agronomia, Veterinária, Engenharia Rural, Biologia e Química. A passagem da Universidade do Ministério da Agricultura para o da Educação só ocorreu nos anos 60⁶.

De qualquer forma, nós sabíamos que o tema – nada tranquilo – das relações entre os moradores de Seropédica e a UFRRJ marcaria nosso estudo da realidade local e fizemos da fala significativa de dona Maria -“A Rural tem que se

⁶Para um maior esclarecimento a respeito da história da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, conferir a tese de Doutorado da Profa. Célia Regina Otranto (UFRRJ) intitulada **A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a construção de sua autonomia**, sob orientação dos Profes. Drs. Luiz Flávio de Carvalho Costa e Maria de Lourdes A. Fávero. Rio de Janeiro, UFRRJ, 2003.

abrir de novo como uma flor -para todos sentirem o aroma antigo de antes"-um dos temas geradores de nossa rede temática.

OS OBJETIVOS DO PROCESSO E O PRODUTO: O LIVRO DIDÁTICO

Através desse processo investigativo e formativo que se estendeu ao longo de 2006,

buscamos:

1 – oferecer novos meios para os graduandos dos cursos de História (Licenciatura),

possibilitando-lhes uma vivência crítica e criativa na sua formação, levando-os a participar da dinâmica da reconstrução curricular e dos procedimentos cotidianos constituintes do universo escolar;

2 – experimentar uma metodologia alternativa de construção curricular e de ensino para escolas de Ensino Fundamental, possibilitando aos licenciandos atividades de docência, pesquisa e extensão interligadas;

3 – construir recursos didáticos alternativos, centrados na confecção de um livro didático construtivista baseado em atividades de estudo do meio, aulas-passeio, observação e registro, pesquisa e resolução de situações-problema a partir de questões retiradas da própria realidade local;

4 – valorizar os saberes populares e os conhecimentos dos moradores locais, realizando registros (banco de história oral, fotos, documentos diversos que constituirão os livros didáticos);

5 – contribuir e estimular reflexões críticas durante o processo de ensino-aprendizagem a partir da problematização das percepções dos educadores e dos educandos em torno de sua realidade local;

6 – contribuir para a valorização da história, das memórias e das identidades locais, a partir de uma perspectiva crítica, reflexiva e emancipatória;

7 – trabalhar a dimensão educadora da cidade Dessa maneira, o Livro Didático foi construído de forma coletiva e participativa, apresentando como eixos:

1 – o **Estudo da Realidade**, convidando os leitores a se verem, se reverem, se conhecerem ou mesmo se desconhecem nas atividades de pesquisa e de reflexão sobre a realidade local que vivem e (re)vêem estampada no Livro;

2 – se constituir menos como livro texto e mais como **livro de atividades**, baseando-se na idéia de levar o aluno a buscar, a refletir e a construir;

3 – a composição de suas atividades a partir dos **textos dos alunos do CIEP e das falas dos moradores de Seropédica**, trabalhando a partir das diversas leituras de mundo e dos repertórios culturais locais;

4 – a **história local** se constitui na base para reflexões, compreendendo-a numa relação de as questões nacionais e globais.

5 – a **interdisciplinaridade**, já que as informações podem e devem ser aproveitadas pelas diferentes áreas disciplinares. O tema e os conceitos são as ferramentas para a construção interdisciplinar.

6 – um **livro-matriz**, já que ele contém atividades que podem ser adaptadas para diversas séries/idades, tornando-se, portanto, uma **obra aberta**, base para múltiplas reconstruções e ressignificações.

Gostaríamos ainda de tecer aqui algumas considerações a respeito das contribuições trazidas pela vivência desse processo, levando em conta os relatórios realizados pelos graduandos, a construção de monografias de conclusão de curso, os depoimentos que pudemos registrar e as práticas de alunos e ex-alunos professores que pudemos acompanhar. Podemos dizer que os resultados das ações da Prática de Ensino vêm se apresentando como muito positivos em função de diversos fatores:

1 – o estudo da realidade leva os futuros professores a tratarem o currículo e os problemas existentes na escola de forma mais contextualizada, levando-os a ver que a escola não está separada do mundo social – muito pelo contrário: traz suas marcas, suas características políticas e sócio-culturais.

2 – ao discutir as falas e as visões dos moradores, levamos os futuros educadores a

compreenderem que os saberes populares não são saberes “menores”. Estas discussões sempre nos levam a um redimensionamento do estatuto e das características dos saberes populares em circulação nas localidades.

3 – ao trabalharmos o tema gerador e a problematização existente na localidade onde a escola encontra-se situada, realizamos análises de conjuntura e leituras políticas que levam todos os participantes a perceberem as relações entre os problemas mais imediatamente visíveis e os aspectos estruturais do processo histórico brasileiro.

4 – a construção da rede temática possibilita aos futuros educadores entenderem que o currículo pode ter formatos mais críticos, não havendo uma obrigatoriedade de seleção e de ordenação nos conteúdos. Mostra-se, na prática da construção, que é possível a construção de outros tipos de currículo, partindo-se de uma investigação crítica da realidade vivida.

5 – a construção de livros didáticos proporciona aos futuros educadores – e também àqueles que já se encontram atuando no universo escolar – a prática da autoria, rompendo com a fetichização dos livros didáticos e dos programas. Através dos livros, é possível aos moradores das localidades se verem de uma outra forma – participando também da construção do universo educativo escolar.

O livro, reproduzido pela UFRRJ, estará sendo lançado em outubro próximo, durante as comemorações dos 20 anos do CIEP 155, momento que se apresenta como bastante oportuno para ouvirmos e vermos as múltiplas significações que receberá por parte do CIEP e dos moradores de Seropédica. Além disso, certamente, no ano de 2008, será importante introduzir oficinas novas no CIEP, mais uma vez em parceria com as professoras, para que possamos observar e multiplicar os seus usos e sentidos com aqueles que são seus principais sujeitos: os licenciandos de História da UFRRJ, as professoras, os alunos e a equipe de direção do CIEP 155, bem como os moradores de Seropédica. O livro didático -repetindo as palavras sábias de um antigo amigo de Mambucaba

(Angra dos Reis), Sr. Manoel Benedito – seguirá “contando histórias”...⁷

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRÉ, Marli (org). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. 4ª ed,

Campinas, Papirus, 2005.

BRANDÃO, Aída; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). A questão política da educação

popular. 7ª ed, SP, Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). Pesquisa Participante. SP, Brasiliense, 1999.

FÁVERO, Osmar (org). Cultura e educação popular: memória dos anos 60. RJ, ed Graal,

1983.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. SP, Cortez, 1991.

_____. Pedagogia da autonomia. SP, Paz e Terra, 1997.

_____. Pedagogia do Oprimido. 43ª ed, RJ, Civilização Brasileira, 2005.

_____. Pedagogia da Esperança – um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 6ª ed, RJ, Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. Escola Cidadã. SP, Cortez, 1993.

GÓES, Moacyr de. De pé no chão também se aprende a ler (1961-64) – uma escola democrática. RJ, Civilização Brasileira, 1980.

OTRANTO, Célia Regina. A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a construção de sua autonomia. Tese de Doutorado sob orientação dos Profes. Drs. Luiz Flávio de Carvalho Costae Maria de Lourdes A. Fávero. Rio de Janeiro, UFRRJ, 2003.

PADILHA, Paulo Roberto. Planejamento dialógico – como construir o projeto político-

⁷Manoel Benedito era neto de ex-escravos, nascido e criado em Mambucaba, 4º Distrito de Angra dos Reis. Membro da Pastoral da Terra, organizou a Associação de Pequenos Agricultores do Vale de Mambucaba e foi fundador do PT. Alfabetizado aos 40 anos de idade, era poeta e atuava em nossas turmas em Angra contando as histórias da região.

Publicamos em duas edições seu livro de poemas (1996 e 1997)

pedagógico da escola. 5ª ed, SP, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

PAIVA, Vanilda. Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista. RJ, Civilização Brasileira, 1980.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. SP, Paz e Terra, 1992.

TORRES, Carlos Alberto; O'CADIZ, Maria del Pilar; WONG, Lia Lindquist. Educação e

democracia: a práxis de Paulo Freire em São Paulo. SP, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.